

RELAÇÕES FAMILIARES ANTE OS VALORES E COSTUMES EM DIFERENTES ETNIAS*FAMILIAR RELATIONSHIP BEFORE VALUES AND CUSTOMS IN DIFFERENT ORIGINS**RELACIONES FAMILIARES FRENTE A LOS VALORES Y LAS COSTUMBRES EN DIVERSAS ETNIAS*SÔNIA SILVA MARCON¹FABIANA MAGALHÃES NAVARRO²LILIANA YUKIE HAYAKAWA³MÁRCIA GLACIELA DA CRUZ SCARDOELLI⁴MARIA ANGÉLICA PAGLIARINI WAIMAN⁵

Realizamos o presente estudo, com o objetivo de investigar o conceito de família presente em diferentes etnias e apontar tradições culturais que se constituem em indicadores de preservação e manutenção cultural. Para tanto, optamos por um estudo do tipo exploratório descritivo de natureza qualitativa, com o uso de um questionário semi-estruturado. Os informantes do estudo foram dez indivíduos das etnias japonesa, portuguesa, alemã, italiana e árabe, que constituíram família no Brasil. Os entrevistados foram escolhidos dentro das respectivas comunidades existentes na cidade de Maringá/Paraná. Observamos que todos os entrevistados visam ao bem familiar, e tentam conviver e transmitir aos seus descendentes valores e costumes herdados, tanto no que diz respeito a própria etnia quanto a valores éticos e espirituais.

PALAVRAS-CHAVE: Família; Grupos étnicos; Cultura; Relações familiares.

The present study was carried through, with the objective of investigating the concept of family which is present in different origins and highlights cultural traditions that consist of indicators of cultural preservation and conservation. Thus, we decided for the descriptive exploratory study of qualitative nature, with the use of a semi-structured questionnaire. The informers of the study were two individuals from the Japanese, Portuguese, German, Italian and Arab origins who set up their families in Brazil. The interviewed people were chosen from the respective existing communities in the city of Maringá/Paraná. We could observe that all the interviewed people aimed for the family well being and tried to coexist and to transmit to their descendents values and inherited customs, as far as their own ethnic groups as well as ethical and spiritual values are concerned.

KEYWORDS: Family; Ethnic groups; Culture; Family relations.

Hicimos el actual estudio con el objetivo de investigar el concepto de familia presente en diversas etnias y señalar tradiciones culturales que pasan a ser indicadores de preservación y manutención cultural. Para eso, optamos por un estudio de tipo descriptivo, exploratorio y de naturaleza cualitativa, usando un cuestionario estructurado en parte. Los colaboradores del estudio fueron dos individuos de las etnias: japonesa, portuguesa, alemana, italiana y árabe, que formaron familia en Brasil. Los entrevistados fueron elegidos dentro de las respectivas comunidades existentes en la ciudad de Maringá/Paraná. Observamos que todos los entrevistados velan por el bienestar familiar, e intentan convivir y transmitir a sus descendientes valores y costumbres heredados, tanto en lo que se refiere a la propia etnia como a los valores éticos y espirituales.

PALABRAS CLAVE: Familia; Grupos étnicos; Cultura; Relaciones familiares.

¹ Enfermeira. Doutora em Filosofia da Enfermagem. Docente dos Mestrados em Enfermagem e Ciências da Saúde da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Coordenadora do Nepaaf (Núcleo de Estudos, Pesquisa, Assistência e Apoio à Família). Rua Jailton Saraiva, 526. Jardim América. Maringá –PR. CEP: 87045-300. E-mail: soniasilva.marcon@gmail.com.

² Fisioterapeuta. Mestranda em Ciências da Saúde na UEM. Docente do curso de Fisioterapia da Unidade de Ensino Superior Ingá (Uningá). Membro do Nepaaf. José Gomes Navarro, 132. Jardim Magnatas. Marialva – PR. CEP: 86990-000. E-mail: navarrofabiana@gmail.com

³ Enfermeira. Mestranda em Ciências da Saúde na UEM. Docente do Curso de Enfermagem da Unipar. Rua Mario Clapier Urbinatti, 724, Bl K/08. Jd Universitário. Maringá – PR. CEP: 87020-260. E-mail: lilihayakawa@hotmail.com

⁴ Enfermeira. Mestranda em Enfermagem na UEM. Enfermeira do Programa Saúde da Família de Campina da Lagoa. Travessa Bela Vista, Quadra A, Lote A, Jardim Fornare, Campina da Lagoa – PR. CEP: 87545-000 E-mail: grajacruz@bol.com.br

⁵ Enfermeira. Doutora em Filosofia da Enfermagem. Docente do Mestrado em Enfermagem na UEM e membro do Nepaaf. Rua São João, 628/302. Zona 7. Maringá – PR. CEP: 87030-200. E-mail: angelicawaidman@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

O Brasil é conhecido como o país das várias culturas, uma vez que se fazem presente diversas etnias que se juntaram no início do século XIX transformando uma parte do país, já que a formação se assentava somente sobre a presença do colonizador lusitano, do escravo-negro e do índio que aqui residia. É possível citar alguns grupos que vieram principalmente da Europa e da Ásia, como o alemão, o árabe, o espanhol, o italiano, o japonês, dentre outros, fortalecendo ainda mais a miscigenação no país.

Frente a isso, podemos observar claramente os hábitos e culturas de vários povos, seja na forma de educar, falar e vestir, que mesmo com as influências das demais etnias que vivem no Brasil, seguem buscando pela manutenção de sua própria identidade.

Nesta busca da identidade e de tentar mantê-la os indivíduos da mesma origem tendem a formar grupos étnicos mais ou menos organizados, aos quais estão sujeitos, no sentido de que as culturas originais dos imigrantes foram transformadas no contato com a sociedade brasileira em que certos valores culturais e ideológicos desapareceram¹.

A nossa experiência em trabalhar com famílias tem nos mostrado uma lacuna no que se refere à necessidade dos profissionais de enfermagem conhecer em profundidade os hábitos, crenças e valores das famílias no desempenho do cuidado. Acreditamos que conhecer essa realidade ajuda no planejamento do cuidado de enfermagem, tornando as ações, desenvolvidas junto à família, mais próximas da realidade e assim, possivelmente, mais eficazes.

Ao realizar visitas domiciliares em nossos projetos assistenciais verificamos que na cidade de Maringá há uma diversidade importante de culturas e ao contato com as famílias verificamos que isto decorre do fato de elas serem provenientes de diferentes etnias. Assim, para o desenvolvimento deste estudo buscamos como sustentação a teoria da Universalidade e Diversidade do Cuidado de Madaleine Leininger².

Maringá é uma cidade jovem, colonizada na década de 1930-40 por imigrantes de outros estados do Brasil, especialmente mineiros e paulistas e também por estrangeiros que inicialmente haviam se fixado em outras regiões. Assim, a variedade de etnias presente enriquece a cultura

do município por meio da preservação de tradições e folclore. Esses povos, com culturas tão diferentes, e em convívio harmonioso, com suas colônias em regime de pequenas propriedades e associações, fizeram e fazem a grandeza do município, sendo que suas diferenças vieram acrescentar na formação cultural do povo maringaense.

Hoje, a colônia de alemães no município é congregada na Associação Cultural Teuto-Brasileira de Maringá, fundada há 45 anos, a qual tem por intuito fortalecer a cultura alemã, através de encontros tradicionais, realizados anualmente. Entre as famílias italianas, não existe uma associação representativa, mas algumas famílias residem em colônias.

Os japoneses estão em grande número na cidade, pois junto com Londrina constituem as duas cidades paranaenses com maior número de descendentes de japoneses. Na cidade existe uma associação – Acema (Associação Cultural e Esportiva de Maringá) criada há 60 anos que realiza o festival Nipo-Brasileiro – comemorado uma vez ao ano, além de diversas festas e comemorações realizadas com vistas a promover a prática de esportes específicos e a cultura japonesa por meio de torneios esportivos em âmbito nacional. A referência portuguesa concentra-se no Centro Português, um clube privado aberto a toda a comunidade, onde são realizadas anualmente festas típicas da etnia. E os árabes, por sua vez mostram sua força na prática da religião muçulmana, além de valorizarem seus hábitos alimentares mantendo vários restaurantes específicos em que são oferecidos pratos típicos. Cabe destacar que a Mesquita de Maringá constitui um dos pontos turísticos importantes do município.

A importância destas etnias é comprovada não só pelo grande número de descendentes, mas também pela presença de barracas típicas nas duas festas tradicionais do município, a “festa das nações” e a “festa da canção”.

A heterogeneidade da imigração e a intensidade das transformações resultantes do processo de colonização com imigrantes, entre outras coisas, contribuíram para a formação de um pluralismo étnico e cultural, no município, sendo isto, o que mantém de certa forma, alguns valores e símbolos que servem como elementos definidores dos grupos étnicos aqui existentes. Dentre os símbolos da etnicidade de cada grupo que marcam respectivamente as identidades étnicas destacam-se, principalmente, a manutenção da lín-

gua materna, ainda falada por parcelas significativas de cada grupo de descendentes de imigrantes, e a manipulação de critérios etnocêntricos, no sentido de estabelecer os limites sociais entre os diferentes grupos².

O cuidado cultural em seus conceitos, significados, expressões, padrões, processos e formas estruturais pode ser utilizado de forma diferente (diversidade) e similar (universalidade) e estas formas são comuns em todas as culturas do mundo, em que cada cultura tem sua própria maneira de cuidar, a qual é influenciada pela linguagem, religião, contexto político-social e econômico, educação e pelo ambiente². Assim, cada indivíduo, grupo ou família desenvolve o cuidado com base no contexto em que vive, ou seja, de acordo com suas crenças, valores, costumes, modo de vida, entre outros.

Oferecer cuidado compatível com as crenças, valores e modo de vida dos indivíduos diminui os conflitos culturais, o estresse e as preocupações ético – morais², e isto reflete nos resultados que poderão ser alcançados para que a enfermagem possa oferecer a sua clientela um cuidado humanístico e que satisfaça as suas necessidades³.

Um aspecto que está relacionado à construção de valores, costumes, crenças e símbolos, resultante dos saberes provenientes da família de origem e do ambiente sociocultural, é o reconhecimento da base em que ela foi construída e é sustentada, por isso o profissional precisa estar atento ao ambiente no qual a família e o indivíduo está inserido e perceber o que norteia as ações familiares. Assim, para conhecer os significados adotados por cada família, é preciso considerar alguns elementos do contexto cultural, tendo em vista que o cuidado familiar se fundamenta no significado que cada família dá a sua vivência e ao seu desenvolvimento durante o processo de viver, já que ele pode ocorrer de forma inter e intrageracionalmente⁴.

Ao trabalhar com famílias que estão inseridas dentro de diferentes contextos socioculturais é preciso compreender a forma como as pessoas expressam ou desenvolvem seus comportamentos de cuidar, sabedores de que este cuidado está diretamente ligado aos padrões culturais em que elas estão inseridas.

Assim, conhecer os rituais de cuidado é de extrema importância para Enfermagem e demais profissionais da saúde, sobretudo em países como o Brasil, onde existe uma

vasta gama de culturas. A enfermagem é uma profissão que necessita conhecer a família e seus valores culturais, pois os enfermeiros oferecem cuidados a pessoas de inúmeras culturas diferentes, embora, quase sempre, não avaliem, nem trabalhem, a partir de uma perspectiva transcultural. Contudo, para ser eficiente, legítima e relevante à diversidade de raças do mundo, a enfermagem e os profissionais precisam se basear no conhecimento e nas habilidades do cuidado transcultural².

A teoria da universalidade propõe três formas para realização do cuidado: preservação do cuidado, acomodação e repadronização². A preservação refere-se àqueles cuidados já praticados por um indivíduo, família ou grupo, que são benéficos ou mesmo inócuos para a saúde. A acomodação são ações e decisões voltadas para assistir, dar suporte, facilitar as pessoas de uma determinada cultura a adaptar-se ou negociar com provedores de saúde profissionais e a repadronização refere-se às ações e decisões que buscam facilitar, dar suporte, e ajudar indivíduos e grupos a reordenar, trocar ou em grande parte, modificar seus modos de vida para o novo, o diferente, beneficiando os padrões de cuidado à saúde².

O conhecimento de hábitos, padrões e comportamentos nas diferentes etnias auxilia na forma de como se desenvolverá o processo de cuidar, principalmente para verificar que aspectos podem ser preservados, e se há necessidade de acomodação ou repadronização de outros e assim os profissionais estarão mais capacitados a entender certas atitudes e comportamentos de seus clientes, propiciando um cuidado realmente significativo⁵.

Cuidar da família em seu processo de viver respeitando suas crenças e valores exige do profissional de enfermagem o conhecimento da história do indivíduo e da família, saber como vivem, para assim compreender suas necessidades e oferecer um cuidado adequado respeitando a individualidade de cada um. Em razão disto, a predisposição para conhecer e compartilhar o cuidado com a família é extremamente importante, pois demonstra que o profissional tem interesse e sensibilidade à sua vivência, reconhecendo o outro como um ser único inserido no contexto familiar e cultural. Tais legados de cunho genético, sócio-cultural, psicológico e espiritual tendem a se perpetuarem para as gerações seguintes⁶.

Ademais, a família é um sistema formado por pessoas que se relacionam entre si, ligadas por afeto e produção, ou que viveram um processo histórico de vida em comum, mesmo que não sob o mesmo teto. Trata-se então de um grupo de pessoas que interagem entre si, no qual um influencia o outro agindo todos a partir de suas crenças, valores, comportamentos, tradições e modo de pensar^{6,7}.

E é esta família que deve ser vista como parte fundamental na saúde de seus membros, necessitando ser ouvida, valorizada e estimulada a participar em todo o processo de cuidar. Afinal, a família é a primeira unidade de assistência à saúde, a que envolve ações de promoção à saúde, prevenção e tratamento de doenças, e que muitas vezes interage com profissionais da saúde⁴.

Com base nas informações até agora arroladas e no fato das pesquisadoras serem descendentes de etnias diversas (italiana, japonesa, portuguesa e alemã) propomos esse estudo, o qual tem como objetivo investigar o conceito de família presente em diferentes etnias e apontar tradições culturais que se constituem em indicadores de preservação e manutenção cultural.

MÉTODO

Estudo do tipo exploratório descritivo de natureza qualitativa, desenvolvido na cidade de Maringá – Paraná. A população de estudo foi formada por 10 pessoas, sendo dois indivíduos de cada uma das etnias mais representativas do município – japonesa, portuguesa, alemã, italiana e árabe.

Os informantes foram escolhidos aleatoriamente, dentro das respectivas comunidades existentes na cidade. Foi realizado um contato prévio com os prováveis participantes por telefone, para agendar uma visita. Os dados foram coletados no mês de junho de 2006, por meio de entrevista semi-estruturada. O roteiro de coleta de dados foi composto por questões de identificação do entrevistado, a compreensão de família, a ligação com a cultura de origem/etnia e os hábitos e costumes familiares ligados a vivência do dia-a-dia.

Durante a interação com os informantes, evitamos qualquer atitude que gerasse constrangimentos ou tensões

bem como procuramos manter respeito a crenças e valores dos (as) mesmos.

Após a coleta dos dados, as entrevistas foram enumeradas com as iniciais da etnia de cada entrevistado acrescido de um número indicando a ordem em que foram incluídos no estudo (PO1, PO2, JA1, JA2, AL1, AL2, AR1, AR2, IT1, IT2). Os depoimentos foram transcritos e analisados segundo a técnica da análise de conteúdo⁸ resultando em duas categorias temáticas: A família na visão dos diferentes grupos étnicos e Preservação e mutação cultural: estratégias das famílias para manter vínculos e subcategorias que foram construídas por semelhança.

Foram levados em consideração todos os preceitos éticos que envolvem pesquisa com seres humanos seguindo a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, assim sendo, todos os participantes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido em duas vias, as entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra para melhor análise e fidedignidade dos resultados. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá (parecer nº1155/2006).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em relação às características dos informantes, verificamos no Quadro 1 que a idade dos entrevistados variou entre 46 e 75 anos, com média de 60 anos. A maior parte (60%) é do sexo feminino e todos casados. Quanto a religião metade são católicos e a outra metade frequentam a Igreja Luterana, Presbiteriana, Budista, Adventista e muçulmana.

Observamos que dos dois entrevistados dentro de cada etnia, apenas os portugueses professam a mesma crença religiosa, pois ambos são católicos. Há algum tempo atrás, no Brasil, existia uma importância da família e da Igreja (catolicismo) para os imigrantes portugueses, principalmente os da primeira geração⁹. Constatamos que eles não se desvinculam das suas origens, valores e raízes, mesmo quando optam por permanecerem no país de acolhimento. Sendo esta dimensão religiosa em relação à fé, considerada como um valor étnico que reforça a identidade do grupo.

QUADRO1 – CARACTERÍSTICAS DOS INFORMANTES DO ESTUDO, POR ETNIA. MARINGÁ – PR, 2006.

Sujeitos	Idade	Sexo	Estado Civil	Religião
AL1	64	Feminino	Casado	Luterana
AL2	68	Feminino	Casado	Adventista
JA1	49	Feminino	Casado	Católica
JA2	50	Feminino	Casado	Budista
PO1	75	Feminino	Casado	Católica
PO2	75	Masculino	Casado	Católica
IT1	56	Feminino	Casado	Católica
IT2	71	Masculino	Casado	Presbiteriana
AR1	46	Masculino	Casado	Católica
AR2	54	Masculino	Casado	Muçulmana

A família na visão dos diferentes grupos étnicos

Na presente pesquisa, questionamos os entrevistados em relação aos membros de sua família, a fim de observarmos quem eles consideram como integrante da mesma e observamos que apenas um participante da etnia alemã (AL1) referiu-se à família somente os indivíduos que residiam sobre o mesmo teto. Os demais consideraram pessoas com algum grau de parentesco, surgindo famílias extensas, conjugadas, nucleares e monoparentais. Ademais, foi possível perceber que, embora o significado do que é família seja individual, essas questões estão ligadas ao momento da vida de cada um e da sua etnia.

“Somos em seis, eu e a minha esposa e meus 4 filhos” (IT-1)

“São os pais, os filhos, os tios né, avós, primos aí vem e vai indo né” (AL-1)

“Os filhos que são três, meus irmãos...faleceu um agora na semana passada (o mais velho). Todos os parentes né, mas é mais os filhos, que a gente se apega mais é os filhos” (AL-2)

A família é uma instituição social básica, que aparece sob as formas mais diversas em todas as sociedades humanas, sendo um grupo caracterizado pela residência em comum e pelo convívio de pais e filhos, isolados ou não

dos demais parentes. A moradia apresenta características que refletem a identidade familiar, mas a família não é apenas um conjunto de pessoas, mas também é caracterizada pelas relações e ligações entre elas¹⁰.

Na verdade, os grupos étnicos além de diferirem acentuadamente em relação à cultura pré-existente eles têm seus comportamentos, crenças e valores associados ao estágio do ciclo de vida que estão vivenciando, o que pode interferir no conceito de família de cada etnia. Por exemplo, nas famílias italianas as festas de casamento, batizados, entre outras, reúnem toda família (parentes próximos e distantes), no entanto nas famílias japonesas as festas são reservadas e com poucas pessoas¹¹. No entanto, neste estudo não encontramos essa diferença na definição de família dessas duas etnias, como a autora acima descreve, significando que muitos costumes brasileiros já foram incorporados na vivência dessas famílias no município de Maringá.

Cada família tem seu mundo próprio, e este é parte do ambiente sociocultural, onde são compartilhados e construídos crenças, valores, significados, práticas e saberes¹². Assim, dentro de cada etnia se constrói um ambiente familiar, com relações construídas em base na cultura vivenciada.

O conceito de família, independente da etnia, mostrou-se bastante arraigado nos termos como união, amor, consideração, compreensão e ajuda mútua. No tocante às prioridades no relacionamento familiar, foram citadas a “união”, “respeito”, “honestidade”, “religiosidade”, “harmonia” e “compreensão”. Observamos que esses valores são comuns ao ser humano, demonstrando que independente da etnia as famílias valorizam questões que envolvem o caráter da pessoa o que direta ou indiretamente interfere nos relacionamentos.

Esses resultados corroboram com os dados encontrados em um estudo no qual foi identificado como aspecto fundamental da convivência familiar, a construção de valores, que ocorrem através de interações entre os membros da família, apontando o respeito e honestidade como sendo valores essenciais para construção do convívio familiar e social¹⁰. Observamos no presente estudo que tais valores foram citados e reafirmados pelos entrevistados como prioridade de um bom relacionamento familiar, mas vimos também que existem outros valores, como a união e a

compreensão, que proporcionam gratificações pessoais e estabelecem as relações na família.

O casamento costumava ser o principal marco de transição para a vida adulta, simbolizava o primeiro passo para a paternidade, atualmente isso tem mudado, pois os filhos, às vezes, aparecem na adolescência e os adultos cada vez mais postergam o casamento e o sair de casa¹¹. Ademais, nos dias atuais a formação familiar não tem o casamento como seu fundamento principal, pois com o passar dos anos essa união sofreu mudanças importantes na sociedade em que vivemos.

Observamos que todas as etnias referiam que na época de seus avós, se priorizava casar com a pessoa da mesma etnia (endogamia), devido aos costumes e hábitos característicos, mas hoje todos miscigenaram, não existindo mais esta prioridade. O casamento pode ser compreendido a partir de duas formas, a primeira, pela escolha do sujeito com base no amor romântico e a segunda caracterizada pela escolha cultural quando parentes e a própria sociedade interferem no casamento, determinando acordos conjugais em virtude da manutenção de costumes e tradições¹³. Esse segundo tipo de casamento era muito comum nas primeiras décadas do século XX no Brasil¹³, demonstrando assim que essa forma de pensar dos antepassados dos entrevistados era comum também em famílias brasileiras.

Mesmo os japoneses e alemães, que demonstravam maior importância ao fato de se manter a mesma cultura, todos relatam que hoje existe uma maior liberdade.

“Antes se cobrava casar com alemão, mas meus parentes já casaram todos com brasileiros, porque antigamente existia muito racismo, agora não mais” (AL-2)

“Eu queria um casamento tradicional, que minha filha casasse com japonês, mas ela não quer, então ela que vai escolher...” (JA – 1)

Se considerarmos a escolha do cônjuge como um início importante para entender o tipo de socialização aberta ao indivíduo e às famílias imigrantes, é preciso observar que uma tradição cultural comum não foi suficiente para unir as pessoas. Isto porque o processo de integração a um meio urbano, trabalho e mudanças de

hábitos de vida cotidiana, influenciaram esta desvinculação e miscigenação entre as culturas imigrantes. É interessante observar que no Brasil isso também aconteceu por causa da própria evolução da família, dos conceitos, aspirações, etc. Portanto, são mudanças decorrentes não somente da cultura e etnia, mas da própria inserção da mulher no mercado de trabalho, da globalização, pós-modernidade, entre outros.

Preservação e mutação cultural: estratégias das famílias para manter vínculos

A etnicidade influencia o pensamento, sentimentos e comportamentos de uma família/comunidade de maneiras óbvias e sutis, consciente ou inconscientemente. Essa etnicidade está relacionada à condição de vida numa combinação que envolve a raça, a religião e a história cultural, está impregnada na forma de ser e viver em família que varia de acordo com o apego às tradições passadas, à religiosidade, ao envolvimento no ambiente social, entre outros¹¹.

Convivência em sociedade

Quando questionamos sobre a vivência em sociedade e o ciclo de amizades, observamos que entre os alemães existia muito preconceito, por isso priorizavam amizades apenas com alemães, mas hoje, como eles mesmos percebem, estão mais abertos e acolhedores a outras raças e etnias. Os japoneses por sua vez, sempre estimularam e ainda mantêm maiores laços de amizades com pessoas da mesma origem e cultura, pois existe um incentivo desde crianças para estarem sempre no meio de outros japoneses e manter estes laços de amizades. Tal fato reflete na união que existe entre a raça japonesa, que se mostra na ajuda mútua, organização de festas tradicionais e estímulo à aprendizagem da língua.

Descendentes de origem asiática, principalmente indivíduos da raça japonesa, mantêm traços culturais comuns relacionados com a valorização da família e a preservação de sentimentos de união entre seus semelhantes¹⁴. Já os árabes demonstraram dar muito valor à amizade e mesmo que esta seja diversificada, se tornam verdadeiros anfitriões/amigos.

“É importante manter laços com japoneses, mas não só japoneses. É preciso ter afinidade, mas os pais sempre influenciam as crianças a terem amigos japoneses...” (JA – 1)

“Quando nos identificamos com alguém, nos tornamos amigos de verdade e com pessoas de qualquer raça...” (AR – 2)

A família não é uma unidade isolada, mas uma unidade integrante da sociedade, por isso estabelece ligações com outras pessoas e unidades sociais que estão além de seu grupo⁹. Desta forma, o ciclo de amizades é peça fundamental do viver em família e podemos observar que algumas etnias mantêm mais fortemente estes laços de amizade.

“Quando morava em Santa Catarina tinha muita convivência com alemães, só alemães, mas depois que eu mudei para cá tenho amizade com todo mundo...” (AL-1)

“Não havia escolhas... quando morávamos em Tupã, em Estado de São Paulo, nós morávamos em um lugar que tinha uma loja muito grande que era de italianos, próximo ali tinha uma outra família que eram mineiros que praticamente foi quem ajudou a criar um dos meus irmãos. Aí nos mudamos para o alto da cidade, e lá tinha uma família de japoneses então o que que eu fazia... eu brincava o dia inteiro com os filhos dos japoneses, as vezes até eu almoçava com eles e eu tomava banho até no ofuro. Então eu acho que você ter assim, um tipo de vida que você tem que ter uma barreira assim de ter que escolher amizades não é correto e nossos filhos também foram criados assim. Eu tive um amigo que era preto que trabalhava comigo, e era como um irmão para mim” (IT-1)

“Nunca exigi que meus filhos fossem amigos somente de descendentes, mas, parece engraçado, os melhores amigos dos meus filhos, aqueles que são confidentes, que vem aqui em casa a hora que for, que choram juntos, são japoneses. Acho deu sorte das afinidades acontecerem assim... mas não foi nada premeditado e nem imposto... aconteceu!” (JÁ-2)

Tradição alimentar: da preservação ao compartilhamento

As festas tradicionais e costumes característicos da própria raça encontram-se permanentes e marcantes nas etnias japonesa e árabe, – os japoneses com suas festas tradicionais e comidas típicas, apresentação de danças e incentivo à música, e os árabes mantendo costumes em todas as reuniões e festas familiares. Estas duas etnias são as que mantêm o costume de saborear com maior frequência seus pratos típicos. Já nas demais este aspecto não é mais observado com tanta nitidez, revelando um entrelaçamento de hábitos alimentares e uma forte influência destas cozinhas na comida brasileira e vice-versa, levando-nos a inferir que a pizza e o macarrão fazem parte do nosso cotidiano.

“Toda reunião tem festa, com muita comida típica, muita dança, tocando o Durbak... comemos, kibe cru, assado ou frito, charuto, coalhada, este é nosso hábito...” (AR – 2)

“No Clube tem festival nipo-brasileiro, com comidas típicas, danças e músicas... gostamos de comidas mais típicas, bastante verdura, legumes, aji no moto, peixe cru e menos sal...” (JA – 1)

“Às vezes faço grão de bico, bacalhau, mas como os filhos nasceram aqui, eles gostam de arroz e feijão, carne, macarrão, então é isso que fazemos para as refeições” (PO – 1)

Observamos pelas falas dos entrevistados que os japoneses são os que mais preservam a tradição relacionada aos costumes, principalmente em relação à alimentação e participação de reuniões de clubes e festas típicas. Mas, de uma forma geral, cada grupo cultural transmite as suas práticas alimentares por meio do ensinamento aos mais jovens, o que acontece de geração para geração. Neste sentido, a cultura de uma sociedade tende a ser semelhante em muitos aspectos. Esta continuidade é mantida pelo processo de enculturação, que é a aprendizagem na qual a geração mais velha exerce, premiando ou punindo. Muitos hábitos alimentares são assim transmitidos às novas gerações. Esta transmissão é, na maior parte das vezes, um

ensinamento informal, adquirido na partilha das refeições com familiares e amigos. No entanto, a replicação dos padrões culturais nunca é completa.

O processo de transmissão da cultura ou de parte dela se deve pela relação do indivíduo com o território geográfico e social que o cerca e os vínculos que ligam o imigrante ao país de origem, quais sejam, os laços familiares e de amizade, os costumes e tradições e as questões políticas¹⁵. Neste estudo verificamos que os costumes e as tradições demonstraram ser o vínculo que mais liga os entrevistados a sua origem.

Procurar manter o contato é a estratégia utilizada pelos integrantes da família para preservação de relacionamentos, se mostrando através dos rituais familiares, quando destacamos principalmente a reunião dos membros ao redor da mesa para refeição. Este reunir em família é uma estratégia para promover a aproximação entre os membros, assim algumas famílias priorizam o fato de se reunir ao redor da mesa em uma determinada hora do dia, um dia da semana ou apenas em datas comemorativas¹⁰.

“No domingo aqui em casa, reúne todo mundo, os filhos, netos, namorado de neta... parece uma festa” (IT – 1)

“Cada domingo o almoço é na casa de um de um filho, uma filha. Todos participam, se querem sair, almoça e depois sai, mas almoçar juntos é sagrado... um leva uma sobremesa, outro um prato qualquer e a gente almoça todos” (PO – 1)

Quando a família estrutura sua convivência com base nos valores que considera importante, como a culinária, festas tradicionais e típicas, costumes, entre outros e comunga destes mesmos valores, reconhecendo sua importância para a convivência familiar, eles demonstram um comportamento baseado num modelo positivo, isto é, geram um modo de convivência que pode ser reproduzido. Por outro lado, quando não há comunhão de valores e as pessoas agem de forma distinta, reflete um modelo negativo, ou seja, uma convivência conflituosa e desgastante para todos os membros da família¹⁰.

O padrão cultural de origem de cada etnia não é total e completamente repetido por gerações sucessivas

porque novos padrões são continuamente acrescentados como, por exemplo, mediante o contato com outras culturas¹⁶. Por isso, a partir dos resultados aqui encontrados, podemos dizer que os hábitos alimentares são simultaneamente resistentes e abertos à mudança e esta evolução acompanha o dinamismo de cada sociedade. Dessa forma, verificamos que as etnias japonesa e árabe são as que também cultivam maior número de tradição e costumes. Os japoneses com seu ritual do dia de finados e as comidas essenciais do ano novo. Os árabes com a forma de receber os amigos na fatura para recepcioná-los da melhor maneira possível.

A linguagem

Verificou-se em todas as etnias do estudo, que houve um grande interesse em se cultivar a língua original, mas com as novas gerações e influência do português brasileiro este, foi deixado de lado na maioria das etnias. Apenas os mais velhos procuram manter o contato com sua língua de origem.

“Quando minha mãe era viva, só falava alemão, agora minha irmã é a única que fala e meus sogros, os filhos não sabem falar e nem entender...” (AL – 1)

“Meus pais só falam em japonês em casa, eu entendo e falo, mas não escrevo e minha filha estuda língua japonesa.” (JA – 1)

“Eu aprendi dos meus pais e até ensinei para os meus filhos quando pequenos, mas devido às misturas, não teve como manterem a língua...” (IT – 2)

Observamos, mais uma vez, que as famílias de descendência japonesa são aquelas que mais preservam a língua original e tendem a manter isso junto às novas gerações, como no exemplo acima que a neta, terceira geração, procura estudar a língua de origem dos avós.

A partir dos dados aqui demonstrados, é possível afirmar que as famílias pesquisadas estruturam sua convivência com base nos valores que consideram importan-

tes para o viver comum, transmitindo-os como parte do legado familiar no processo educativo de seus filhos. Assim, questionamos os entrevistados em relação à aceitação de todos os costumes e hábitos pelos filhos. Neste caso, constatamos que a grande maioria referiu nunca ter tido problema algum quanto a esta aceitação, somente um entrevistado português relatou que os filhos não gostavam da forma com que o avô os repreendia na frente de outras pessoas.

Quando os membros da família comungam dos mesmos valores e compreendem sua importância para conviver em família, eles apresentam comportamentos que indicam um modelo positivo, ou seja, um modo de convivência que pode ser reproduzido. Deste modo, de geração em geração, os valores familiares são transmitidos e incorporados pelos membros de cada nova formação familiar¹⁰.

REFLETINDO SOBRE ETNIAS E OS PROFISSIONAIS DE SAÚDE

Nos serviços de saúde são encontradas pessoas das mais diversas etnias e, um dos grandes desafios da atualidade, para os profissionais de saúde, constitui-se em articular a igualdade e a diferença, a base cultural comum e expressões de pluralidade social e cultural¹⁷. A ideia de globalização, segundo a qual as fronteiras culturais seriam derrubadas e todos fariam parte de um mundo como cidadãos planetários, com linguagens gerais, homogêneas e as expressões particulares, seriam extintas pela imposição cultural¹⁸. Contudo, percebemos que as peculiaridades de cada cultura e as multiculturas presentes em cada comunidade têm apontado várias possibilidades e elementos que fundamentam essa reflexão, tanto para a superação com a imposição de culturas globalizadas, quanto para a manutenção quando as famílias fazem questão de manter rituais, valores e costumes de seus antecedentes.

Pensando no cuidado de enfermagem à família de diferentes culturas e etnias destacamos ser importante que o enfermeiro esteja preparado para o desempenho deste e para isso os pressupostos da teoria da Universalidade e Diversidade do Cuidado de Leininger² podem ajudar na estruturação do mesmo. Acreditamos que ao desempe-

nhar o cuidado é preciso em alguns momentos, haver negociação e adequação, pois ao aproximar o mundo do profissional ao do cliente/família é preciso levar em consideração o contexto real, para assim, efetivar as formas de cuidar, preservando ou repadronizando o cuidado desenvolvido na família¹⁹.

Neste contexto, se torna necessário compreender como se dá o processo de relacionamento nas famílias, para que se possa buscar um trabalho profissional que seja mais adequado a cada situação, e isso envolve a compreensão de valores, crenças, normas e práticas da vida daquela comunidade e o profissional, especialmente o enfermeiro, precisa apreender que estes são decorrentes do aprendizado que foi partilhado e transmitido por várias gerações e que eles, de alguma forma, orientam o pensamento, as decisões e as ações, de forma particular as relacionadas a saúde, daquele grupo.

Assim, todos os profissionais de saúde necessitam ter o mínimo de conhecimento da cultura de origem dos seus clientes, a fim de permitir a sua articulação na esfera da relação dialógica, para que se possa agir e também prever o comportamento das pessoas em determinadas situações²⁰. Acreditamos que isto possibilita ao profissional a compreensão da vida, tanto em sua objetividade quanto na subjetividade, e isto muitas vezes, caso não seja levado em consideração, pode prejudicar o relacionamento e a ação do profissional com a família.

Já que o Brasil congrega várias etnias e estas preservam, total ou parcialmente, seus valores, enquanto profissionais precisamos entender a família no contexto do processo migratório e de seu papel na transmissão de tais valores. A forma de cuidar da família pode estar relacionada a sua cultura, por isso o profissional precisa enxergar/ver a família como mantenedora dos costumes relacionados a casamentos, batizados, festas religiosas e outros rituais presentes em sua cultura de origem. Neste estudo verificamos que algumas famílias mantêm as tradições relacionadas a esses rituais, outras, porém, referiram mudanças, tanto nos costumes, quanto nas crenças e valores.

Outro fato importante que o profissional precisa compreender e levar em consideração ao cuidar dessas famílias é a sua dinamicidade, ou seja, ela muda e se adapta aos movimentos históricos e se transforma à medida que a

sociedade se modifica e que estas mudanças acabam interferindo na função e estrutura da família¹.

Desta forma, à medida que vamos compreendendo o significado das ações estabelecidas por cada cultura, enquanto profissionais, temos a possibilidade de aceitar os múltiplos valores e crenças que advêm das diversas camadas sociais, com as quais trabalhamos no cotidiano, respeitando suas diferenças de modo a perceber cada família na sua unicidade e todas na diversidade do cuidar.

Sendo assim, cabe aos profissionais da saúde, encontrar formas de compreender e respeitar o contexto cultural dos grupos com quem trabalha, os valores familiares, e as redes e suporte sociais destes, de modo que possa cuidar de forma coerente – aceitando cada pessoa e sua família como elas são. Os profissionais de saúde precisam pensar que eles fazem parte da rede social das famílias a quem atendem e podem, na medida do possível, contribuir para o estreitamento de relações dessas famílias com a equipe de saúde e com a comunidade em que vivem.

Enfim, trabalhar com famílias exige do profissional ações coerentes com os contextos culturais, sociais e econômicos de cada família e de cada grupo étnico, de forma a compreender suas características, necessidades e expectativas, sabendo que estas são decorrentes de valores, crenças e particularidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificou-se que os imigrantes, em geral, mantêm alguma ligação com a cultura e sociedade de origem, por maiores que sejam as pressões no sentido da assimilação. Muitas vezes guardam sempre alguma forma de identificação étnica, por mais que os laços com seus países de origem estejam diluídos.

Diante disso, é preciso compreender como se dá o processo de cuidar nas famílias frente a esta diversidade cultural existente para que se possa buscar um cuidado profissional que seja mais adequado à situação, e que o foco deste referencial é o ser humano, na sua unidade e diversidade, na sua totalidade individual e coletiva, em relação recíproca com o meio ambiente natural e social; nas suas expectativas individuais e coletivas; seus sentimentos e sua cultura, em seus valores, suas crenças e práticas de

saúde, sua história de vida; nas suas condições de crescimento e desenvolvimento, e nos seus recursos em todas as dimensões, inclusive afetivas, para o atendimento de suas necessidades de bem viver no mundo, ou seja, seu processo de viver em família e ser saudável.

Ao abordar diferentes grupos étnicos, foi possível identificar como a cultura, os valores, influenciam na maneira da família se adaptar e enfrentar as alterações internas e externas. E conhecer como cada família cuida e identifica suas forças, dificuldades e esforços, permite ao profissional de saúde e enfermagem oferecer uma melhor e adequada assistência, ou seja, mais congruente às reais necessidades experimentadas por estas famílias.

REFERÊNCIAS

1. Seyferth G. Etnicidade e cidadania: algumas considerações sobre as bases étnicas da mobilização política. *Bol Museu Nacional*; 1990; 42: 1-16.
2. Leininger M. *Culture care diversity and universality: a theory of nursing*. New York: National League for Nursing Press; 1991. 432p.
3. Oriá MOB, Ximenes LB, Alves, MDS. Madeleine leininger e a teoria da diversidade e universalidade cultural do cuidado- um resgate histórico. *Online Braz J Nurs* [online] 2005 [acesso 2006 abr 15] Disponível em: <http://www.uff.br/nepae/objn402oriaetal.htm>
4. Elsen I. Desafios da enfermagem no cuidado das famílias. In: Bub L, organizador. *Marcos para prática de enfermagem com famílias*. Florianópolis:USFC; 1994.
5. Waldow VR. *Cuidar: expressão humanizadora de enfermagem*. Petrópolis: Vozes; 2006.
6. Patrício ZM. Cenas e cenários de uma família: a concretização de conceitos relacionados á situação de gravidez na adolescência. In: Bub L, organizador. *Marcos para prática de enfermagem com famílias*. Florianópolis:USFC; 1994.
7. Araújo MFM et al. Obesidade infantil: uma reflexão sobre dinâmica familiar numa visão etnográfica. *Rev. Rene*, 2006 abr; 7(1):103-8.
8. Minayo MCS, Deslandes SF, Cruz NO, Gomes R. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes; 2002.

9. Fiss RLRS. A imigração e as associações como forma de manutenção da identidade lusitana – Sul do Brasil. *Rev Eletrônica Geografia Ciências Sociais* 2001; 94(27). [online] [acesso 2006 abr 15]. Disponível em: www.ub.es/geocrit/sn-94-27.htm.
10. Althoff CR. Delineando uma abordagem teórica sobre o processo de conviver em família. In: Elsen I, Marcon SS, Silva MRS. *O viver em família e sua interface com a saúde e a doença*. 2ª ed, Maringá: Eduem; 2004. p.29-42.
11. MacGoldrick M, Carter B. *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 1995.
12. Nitschke RG. *Mundo Imaginal de ser família saudável: a descoberta dos laços de afeto como caminho numa viagem no cotidiano em tempos pós-modernos*. Pelotas: UFPEL; 1999.
13. Lisboa AV, Carneiro TF, Jablonski B. Transmissão intergeracional da cultura: um estudo sobre uma família mineira. *Psicologia em Estudo* 2007 jan/abr;12(1):51-9.
14. Souza JR, Zagonel IPS, Maftum MA. O cuidado de enfermagem ao idoso: uma reflexão segundo a teoria transcultural de Leininger. *Rev. RENE* 2007 set./dez; 8(3):117-25.
15. Machado M, Muller KM. Identidade cultural imigrante e o boletim “A família da Pompéia”. *Unirevista*, 2006 jul [acesso 2006 abr 15]; 1(3). Disponível em: http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_MachadoMuller.PDF.
16. Rechembach MT. A refeição em família: um lugar de encontro entre a história da alimentação e da enfermagem. *Cogitare Enferm*, 2004 jul/dez; 9(2): 53-65.
17. Budó MLD, Resta DG. A cultura e as formas de cuidar em famílias na visão de pacientes e cuidadores familiares. *Acta Scientiarum. Health Sciences*, 2004; 26(1):53-60.
18. Candau VM, Lima ACG, Muller AC, Anhorn CTG, Batista GA, Souza MG, et al. Nas teias da globalização: cultura e educação. In: Candau VM, organizador. *Sociedade, educação e cultura: questões e propostas*. Petrópolis: Vozes; 2002. p.13-29.
19. Boehs AE. Análise do conceito de negociação/acomodação da teoria de M. Leininger. *Rev Latinoam Enfermagem*, 2002 jan/fev; 10(1):90-6.
20. Flores Y, Franco MC. *Saúde e doença: uma abordagem cultural da enfermagem*. Florianópolis: Papa-Livro; 1996. p.120.

RECEBIDO: 08/10/2007

ACEITO: 18/03/2008